

COMPREENDENDO MELHOR O ENSINAMENTO DO BUDDHA

por Ricardo Sasaki

Um capítulo do livro
“O Caminho Contemplativo”,
de Ricardo Sasaki

Belo Horizonte: Nalanda, 1995.

Edições Nalanda : <http://edicoesnalanda.cjb.net/>

COMPREENDENDO MELHOR O ENSINAMENTO DO BUDDHA

Ricardo Sasaki

Um capítulo do livro “O Caminho Contemplativo”. Belo Horizonte: Nalanda, 1995.

Edições Nalanda : <http://edicoesnalanda.cjb.net/>

O Budhismo é uma religião ou uma filosofia? Essa é uma pergunta que freqüentemente se escuta. Se por “religião” entendermos um conjunto de dogmas e “verdades” já prontas que devem ser cega e inquestionavelmente observadas e acreditadas, então, o Budhismo não é uma religião. Ou, se entendermos religião como um conjunto de rituais, cerimônias e cultos, assim também o Budhismo não é religião. Por outro lado, se por “filosofia” entendermos a atividade da razão e lógica humanas, ou o estudo do produto desta atividade “racional”, então, ele não é uma filosofia.

O que, então, é o Budhismo?

O Budhismo é o fruto de uma percepção superior e aprofundada da realidade, percebida e experimentada por sábios do passado, seguida e confirmada por experiência própria por outros sábios que os seguiram, e confirmável também, por experiência própria, por todos aqueles que se disponham a seguir alguns dos caminhos por ele apontados com o genuíno amor pelo saber superior (*filo-sofia*) e com o sincero anseio por religar-se consigo mesmo e com o fundamento último de toda a natureza (religião vem do latim *religare*). Somente neste sentido podemos falar que é uma religião e uma filosofia.

A partir disto podemos seguir para a pergunta seguinte: qual o propósito do Budhismo? Podemos responder a partir de vários níveis. Falando do objetivo mais alto, podemos dizer que é a Iluminação e a Libertação. Estas duas palavras são como irmãs no Budhismo.

Iluminação é a visão clara da realidade ou de sua essência. É a realidade interior de cada um de nós, como também a realidade externa na medida em que nos relacionamos com ela. Não significa conhecer “tudo” em um sentido quantitativo. Por exemplo, saber o número de galáxias no espaço ou o nome de todos os órgãos e conjuntos musculares do corpo humano, não é “saber” para o Budhismo, mas mero acúmulo de informações. Interessa, aqui, a qualidade. O que é de fato essencial ou fundamental para a vida, desde a vida cotidiana até as suas dimensões mais profundas.

Libertação é se ver livre de todas as amarras do condicionamento. Desde que nascemos, somos condicionados de inúmeras maneiras, tanto positiva quanto negativamente. É preciso nos vermos livres de ambos. Existe algo semelhante no Antigo Testamento: “*Não comer da Árvore do Bem e do Mal*”. Isto significa se ver livre tanto do Mal, o que é óbvio, quanto do Bem condicionado e rígido, oposto radical do mal.

Para ser feliz e viver realmente, o Budhismo propõe libertar-se da dualidade, libertar-se do apego, do ódio e da ignorância, ou ainda, libertar-se da ditadura do ego.

Para isto, é necessário compreender a *Natureza das Coisas e as Leis Universais*. Esta compreensão leva à adequação a estas leis, que por sua vez leva à paz, e neste sentido podemos dizer que o propósito do Budhismo é a Paz. Uma paz em todos os níveis: interior, social, ecológico, cósmico e transcendente.

O Que É a Paz?

Experienciar a paz, em seu sentido mais profundo, é a mais importante experiência do ser humano. Quando falamos, entretanto, de experiências religiosas, e principalmente em termos de Oriente, geralmente pensamos em coisas bem místicas, visões, milagres... Muitas vezes esquecemos que religião é fundamentalmente algo simples, apesar de não ser simplória. Algo simples por que seu propósito e o propósito de todas as religiões legítimas, é fazer uma religião do homem consigo mesmo e com a verdade última. E para esta religião deve haver um desnudamento do homem. Ele precisa retirar os seus véus e ilusões, reencontrar-se com a simplicidade. Talvez seja este o grande aprendizado nos mosteiros contemplativos: descobrir o ser simples, fazer as mesmas coisas com novos olhos, aprender sobre a riqueza da pobreza.

Tudo é simples na Ásia, o berço do Budhismo, sem muita “pompa e circunstância”. E isto influencia também no modo de ser e na meditação. Ainda há florestas e cavernas onde as pessoas vão realizar suas práticas contemplativas, bem ao modo dos Padres do Deserto ou de São Francisco no Ocidente. Onde se realizam jejuns, pratica-se a sobriedade, o desapego, a caridade e a alegria do pouco ter. E é nesta solidão e contato com a dimensão contemplativa que descobrimos um novo modo de ver as coisas.

Algo comum na Ásia são os retiros de meditação, períodos intensivos que vão desde uma semana até três meses de prática contemplativa contínua. Acorda-se às 4 horas da manhã para se deitar às 21:30 ou 22 horas com interrupções apenas para duas ou mesmo uma refeição diária. Durante este período, não se lê, nem se conversa. O silêncio é absoluto. Esta intensidade potencializa a qualidade da visão e percepção diretas, enquanto sensibiliza o indivíduo para realidades mais fundamentais.

Há um Deus no Budhismo?

Certa vez nos foi perguntado se é possível, na visão budhista, saber intuitivamente, ou pelos livros sagrados, quem é, e como é Deus. Existe uma estória no Oriente que fala que o dedo apontando para a lua não é a lua! A Realidade Suprema é “suprema”, porque não tem igual e nem pode ser medida. Assim, quando falamos “dela”, não é “dela” que estamos falando, pois palavras são limitações e com limitações não podemos falar do que é ilimitado por natureza. Qualquer nome que dermos a esta “Realidade” é apenas uma meia verdade, pois quando afirmamos algo, imediatamente negamos tudo aquilo que não foi afirmado inicialmente. Como disse no século VI o Pseudo-Dionísio: “*Deus não é nem Uno, nem unidade, nem divindade, nem bondade, nem espírito, no sentido que damos a essas palavras; não é filho, nem pai, nem nada mais do que nós próprios ou qualquer outro poderíamos conhecer*”. É por isto que o Budhismo não fala de Deus, nem tenta muito enfaticamente nomear esta “Realidade”. É o que o Cristianismo chama de Teologia apofática: a afirmação do Sagrado através de negações (do grego *apophasis*, negação). Mestre Eckhart diz que Deus deve ser amado como “...*não-Deus, não-Espírito, não-pessoa, não-imagem, mas apenas amado como Ele é, um puro e simples absoluto, destituído de toda a dualidade e no qual devemos eternamente afundar de vacuidade em vacuidade*”.

Sendo assim, procurar compreender a totalidade desta “Realidade” através da razão é, no Budhismo, como tentar segurar o rio Amazonas com uma peneira. A razão é limitada! Livros, estudos, rituais ou qualquer técnica são apenas dedos apontando para a lua. São sinais. Achar que instrumentos limitados podem levar ao Ilimitado é como subir em um sinal de trânsito esperando que ele nos leve até outra cidade. Eles apenas apontam para lá! Daí o Pseudo-Dionísio afirmar: “*O mistério que está para além do próprio Deus, o inefável, o que tudo nomeia, a afirmação total, a negação total, o para além de toda a afirmação e de toda a negação*”.

Neste mundo da linguagem humana, tudo tem dois lados. A “Realidade” pode ser vista sob o aspecto pessoal e sob o aspecto impessoal. O Budhismo tem a tendência a enfatizar este último. Ele também enfatiza seu aspecto interior, mais do que o exterior. Mas isto sem nunca esquecer que sempre há os dois lados. Assim como no Cristianismo também se fala, algumas vezes, de Deus como uma realidade interior (“*O Reino de Deus está dentro de vós*”) e impessoal (a “Divindade” de Mestre Eckhart), também no Budhismo se falará, por vezes, da “Realidade Última” enquanto pessoal e exterior, como no caso dos diversos Buddhas e Bodhisattvas sempre presentes em todas as direções do universo, sempre prontos para ajudar os seres sencientes.

Podemos dizer que, enquanto o homem estiver em contato com o Dhamma (que é como o Budhismo chama esta “Realidade Última”) ele não está só. Dhamma significa “Aquilo que suporta, que sustenta”. Fundamentalmente, todos os seres estão ligados entre si e dependem de todos.

Reencarnação no Budhismo

A definição da “Realidade Suprema” é uma noção que geralmente tende a separar o Cristianismo do Budhismo. A questão é menos de contradições intransponíveis que de compreensão mais profunda dos termos envolvidos. Outra das dificuldades entre cristãos e budistas tem sido o conceito de reencarnação. Infelizmente, isto que parece separar estas duas grandes religiões, não passa de um grande erro, pois, ao contrário do que muitos pensam, o Budhismo não tem uma doutrina reencarnacionista, pelo menos não quando interpretado corretamente. A reencarnação no Budhismo, quando é mencionada por alguns, é apenas uma crença popular e exterior, apropriada para aqueles que só conseguem fazer o bem se acreditando em um proveito próprio. “*Eu faço isto para receber os frutos amanhã ou em outra vida*”. É uma crença popular, sustentada seja por orientais que desconhecem qualquer coisa mais profunda de sua tradição, seja por ocidentais iniciantes. É semelhante àqueles cristãos que acreditam que Deus é, realmente, um homem velho e barbudo sentado em um trono de madeira pousado nas nuvens. A idéia ocidental da reencarnação, ou seja, a de que uma alma ou “espírito” imutável ocupa diferentes corpos humanos indefinidamente, nem mesmo existe no Budhismo (lembremos seu ensinamento fundamental sobre o não-eu), sendo fruto das concepções espíritas surgidas no fim do século XIX. O que o Budhismo de fato ensina é o renascimento, algo por completo diferente da reencarnação tal como é concebida no Ocidente. No processo de passagem do Budhismo para o Ocidente entretanto os tradutores e intérpretes ocidentais começaram a fazer uso de suas próprias concepções influenciadas pelo espiritismo para interpretar doutrinas budistas, o que teve como resultado um engano que permanece até hoje na mente de alguns que estudam o Budhismo superficialmente e isto principalmente no Brasil. Como diz o monge Khantipālo: “*Uma sucessão de vidas com uma alma encarnando em uma série de corpos é freqüentemente chamada de reencarnação. No Budhismo, o ensinamento referente a este tema é fundamentalmente diferente... Não há re-encarnação no Budhismo pois não há entidade espiritual imutável; em termos últimos, nenhuma alma pode ser encontrada que possa se re-encarnar. O Budhismo não constrói a dicotomia entre um corpo perecível de um lado e uma alma eterna de outro*” (***Buddhism Explained***. Bangkok: Mahamakut Rajavidyalaya Press, 1986).

Renascimento significa no contexto budista a transmissão ou influência das ações intencionais nos seus frutos. Toda ação intencional, para o bem ou para o mal, gera conseqüências. Diz-se, assim, que a ação “renasce” nos seus frutos, ou seja, há uma interdependência entre ações e reações.

O que o Budhismo ensina é que a vida é uma e uma só, tomando formas diferentes, mas estreitamente dependentes e ligadas entre si. É uma só vida que anima tudo. Daí “vida” ser na Bíblia traduzida muitas vezes do latim *ánima* que significa “alma”. Esta única vida ou “alma” assume várias formas, todas elas impermanentes e transitórias, como tudo o que é criado. Estas formas nascem, morrem, renascem, tornam a nascer e assim por diante. Uma semente também nasce, se desenvolve, se transforma em árvore, que por sua vez morre, mas gera muitas sementes. De certa forma, podemos falar que aquela árvore “renasce” na semente. Entretanto, nem a árvore e sua semente são a mesma, nem são radicalmente diferentes. Se falamos que são iguais, então, caímos no reencarnacionismo. É o mesmo que dizer que a árvore se “reencarnou” na semente! Que ela é o mesmo “ser” em um outro “corpo”. Um completo absurdo! Mas falar que são completamente diferentes entre si é cair no que podemos chamar de ceticismo, agnosticismo ou casuísmo: a concepção que vê tudo como isolado e independente. É a concepção de que uma vez que se morre é o fim e pronto! Ou ainda significa falar que tudo acontece por acaso sem nenhuma ligação anterior.

O Budhismo poderia falar, pelo contrário, que a “ressurreição” ocorre quando estas “porções de vida” compreendem que não são isoladas do todo, mas são expressões de uma única vida. É a Libertação da Ilusão, a Iluminação, o encontro com o Absoluto.

Isto tem a ver com responsabilidade universal por todas as coisas. O que fazemos aqui se reflete pelos dez cantos do universo. O pecado (ignorância) de um, mancha todo o resto, como uma gota de tinta jogada em uma bacia de água. Mas também a Iluminação de um salva todo o universo, como uma lâmpada que, quando acesa, ilumina todo o quarto escuro.

Desta forma, o Budhismo terá uma preocupação especial para com o sofrimento. Quando os primeiros ocidentais e cristãos chegaram à Ásia, ficaram surpresos de ver, dentro de templos budistas, pinturas e quadros com uma figura masculina e outra feminina se abraçando. Tomaram isto como profanação e idolatria do sexo. Pena que não se lembraram de perguntar aos orientais e aos seus monges o que isto significava. Estas duas figuras se abraçando simbolizam a Sabedoria e o Método.

A Sabedoria é a primeira resposta do Budhismo para o sofrimento nos dias de hoje. É necessário que o homem cultive um maior entendimento de quem é ele, o que é o Real, o que é o mundo em torno. O nível de compreensão que temos de tudo isto é muito superficial. Somente agora, por exemplo, é que o homem moderno, em escala global, está percebendo que tudo está interligado, e isto devido à tremenda crise ecológica em que vivemos. É necessário aprofundarmos nosso entendimento da realidade e isto inevitavelmente colaborará para a diminuição do sofrimento.

A segunda resposta vem através do Método. Isto significa possuir formas efetivas de ação. Ter técnicas e ensinamentos que nos levem a compreender o sofrimento e a dor do mundo e atuar convenientemente para extirpar suas causas. No Budhismo o método mais supremo é a Compaixão. Somente ela poderá fazer com que quebrems a barreira de nossos egoísmos, e num movimento para frente, possamos ir de encontro às necessidades do próximo, com os corações abertos.

É porque tudo está interligado que nossa responsabilidade aumenta. Desfrutamos as ações sábias e as ações que rebaixam a espécie humana. De certo modo, tais ações “renascem” em nós, pois sofremos todas as suas conseqüências.

A Esperança e a Fé no Budhismo

Neste sentido, o melhor que temos a fazer, dentro de uma perspectiva contemplativa, é desenvolvermos ações responsáveis no momento presente. De nada adianta esperar passivamente que as coisas melhorem. É preciso fazer uma distinção entre a esperança voltada para as coisas do mundo e aquela

voltada para as coisas espirituais. Por exemplo, “*eu tenho esperança de comprar um apartamento ou melhorar de vida no futuro*”. Isto é expectativa e cria ansiedade e preocupação. O Budhismo não está interessado neste tipo de esperança. Existe um verso que diz: “*O passado já se foi e o futuro ainda não veio, portanto, permaneçam no presente que é o único momento que pode ser de fato vivido*”. É algo como o provérbio árabe que diz que você não pode pegar o camelo que ainda não veio nem aquele que já passou!

Esperança no Budhismo está mais relacionada com confiança. Na língua pāli é chamada de “*saddhā*”. Isto é confiar no caminho a ser percorrido, pois levará ao Despertar da ilusão. Alguém que se aproxima da tradição budhista se surpreenderá de imediato com a naturalidade com que é convidado a investigar por si mesmo os ensinamentos do Buddha e não crer simplesmente no que lhe é dito. De fato, a doutrina budhista tem sido conhecida desde seus primórdios como “*chi-passiko*”, ou seja, aquela que convida a vir e ver por si mesmo.

Somente através da visão direta da verdade pode alguém estar certo de suas qualidades. Neste sentido, a fé cega é justamente o oposto daquilo que se espera do verdadeiro procurador da Verdade. A fé cega ou a crença, nada mais é que um modo de tapar um buraco, o qual deveria ser preenchido com o conhecimento. Na ausência deste, aparece a crença.

Não encontraremos, portanto, a concepção de uma crença pura e simples sendo estimulada nos ensinamentos budhistas. A palavra mais próxima para “fé” é “*saddhā*”, que significa muito mais “convicção” do que “crença”. *saddhā* ou *sraddhā* (em sânscrito) comporta três aspectos segundo Āsanga, o grande mestre budhista do século quarto:

1. Convicção completa e firme sobre o que uma coisa é.
2. Alegria serena em razão das boas qualidades.
3. Aspiração ou ânsia em ter a capacidade de alcançar um objetivo em vista.

No primeiro aspecto, *saddhā* é a fé como uma etapa posterior ao conhecimento. É porque sabemos algo, por experiência ou intelecção, que temos fé naquilo. *Saddhā* é aqui a fé no conhecimento ou sabedoria já conquistada.

No segundo aspecto, *saddhā* liga-se com a tranqüilidade na virtude adquirida. Aquele que desenvolveu as qualidades saudáveis como a sabedoria, a compaixão, a generosidade, a honestidade e outras, e, consciente de seu campo de virtudes, é tranqüilo e, portanto, confiante. É como alguém que tendo visto os resultados de sua plantação e consciente de sua farta colheita, está seguro e contente em relação à sua situação econômica. *Saddhā* aqui tem a ver com segurança, tudo isto em relação aos bens (espirituais) conquistados.

No terceiro aspecto, por fim, *saddhā* refere-se à esperança. Possuir *saddhā* aqui significa desejar e confiar que seus objetivos serão realizados. No caminho espiritual alguém nada trilhará se começar sem esforço e duvidoso dos resultados desse esforço. É como alguém que começa uma viagem, mas não deseja nem acredita que chegará ao seu destino. Este, no primeiro obstáculo, desistirá, e suas expectativas pessimistas de fato se cumprirão.

Em nenhum destes três sentidos vemos *saddhā* como fé cega ou crença em algo sem sentido. Pelo contrário, é aquela confiança que surge naquilo que já se conhece. Este conhecimento lhe dá confiança. E, por conhecer, ele confia que atingirá também a próxima etapa do caminho. Como diz o Buddha: “...*Ó bhikkhus, eu digo que a destruição das manchas e das impurezas é o trabalho de uma pessoa que sabe e vê, e não de uma pessoa que não sabe e não vê*” (*Samyutta Nikāya* III, PTS trans., pg.152). Sigamos, então, o conselho do Buddha: Venham e Vejam por si mesmos a verdade e os resultados da prática do Dhamma!

Todas estas reflexões devem levar a nos aproximarmos cada vez mais da vida meditativa e daquelas pessoas que reconheçam o seu valor. Uma vida de maior responsabilidade pelas próprias ações da mente, pelo outro e por todo o universo. Cremos que há muitas possibilidades de diálogo entre Cristianismo e Budhismo, desde que algumas barreiras, principalmente de conhecimento, sejam superadas. No Brasil, este diálogo praticamente não existe. Há pouquíssimas pessoas que realmente entendem o Budhismo e os livros que se escrevem e traduzem, em sua maioria, não são muito bons, nem acurados. No exterior, porém, isto tem sido feito cada vez em maior escala. Nos EUA, por exemplo, existem diversos fóruns permanentes de debates realizados por monges e monjas do Oriente e Ocidente. São lugares de encontro dedicados especificamente ao diálogo a nível monástico. Uma das principais atividades nestes encontros é a troca de experiências entre monges de diferentes tradições. Um grupo de monges cristãos vai fazer um estágio em algum mosteiro tibetano ou japonês e, então, um grupo de monges budhistas vem passar algum tempo na Europa ou nos Estados Unidos. São hospedados pelos próprios monges e trocam valiosas perguntas e respostas sobre suas vidas religiosas e seus princípios. Este diálogo é apoiado pelo Vaticano e por representantes de inúmeros mosteiros budhistas na Ásia.

Deve-se muito, no Ocidente, aos trapistas, uma das principais ordens contemplativas cristãs, e aos beneditinos. Thomas Merton, um monge trapista, será sempre lembrado em todo mundo, por suas profundas contribuições neste entendimento. Ele foi alguém que, sem medo de ter sua fé questionada, foi ao encontro de outras formas de vivência contemplativa, com a confiança de que iria encontrar, neste nível contemplativo, não uma oposição, mas uma comunhão. Sua grande importância para a paz e compreensão entre as religiões do Oriente e do Ocidente ainda está para ser melhor divulgada.

O que se venera no Budhismo

Por fim, devemos dizer um pouco sobre o que se venera no Budhismo. Os ocidentais geralmente o confundem com as mais exóticas práticas. Infelizmente, o primeiro contato vem quase sempre através do exotismo. Também alguns orientais ficam surpresos e mesmo amedrontados ao serem informados que a religião dos ocidentais tem como rito principal um festim antropofágico do corpo e do sangue de seu fundador. Não é à toa que o Budhismo diz que a ignorância é o pior dos inimigos!

Uma forma simples de se ver o que o Budhismo considera louvável é através do que é chamado de “As Três Jóias”. De forma constante, os budhistas as louvam e as homenageiam. A primeira Jóia é o *Buddha*, Aquele que traz o Caminho de extinção da dor e do sofrimento. *Buddha* significa o Desperto, Aquele que acordou da ilusão. A segunda Jóia é o *Dhamma*, que tem vários sentidos. Um deles, é o próprio ensinamento. Dhamma é a doutrina do Despertar. Mas falaremos um pouco mais dele adiante. A terceira Jóia é chamada de *Sangha*, a Comunidade daqueles que compreenderam e realizaram o Caminho do Despertar. É o que se poderia chamar de a Comunidade dos Santos. Nestas três estão aquilo que há de mais precioso em um caminho espiritual. Na realidade, todas as grandes religiões têm estas jóias. Um Fundador que realizou completamente aquilo que ensina e traz esta mensagem ao mundo, um Ensino de Salvação ou Despertar, e uma Comunidade de Realizados que dão o exemplo para todos.

Uma outra forma de considerar a veneração é ver mais de perto o significado da palavra *Dhamma*. Ela tem quatro significados principais. Primeiro - ela significa o Fundamento Último de todas as coisas, a Natureza essencial de tudo o que existe. Segundo - ela quer dizer as Leis que regem o universo. Terceiro - ela significa os deveres que decorrem destas leis. E quarto - os frutos que vêm do cumprimento destas leis. O terceiro sentido de Dhamma tem uma importância especial aqui. Quando crescemos espiritualmente, começamos a compreender o que é realmente o mundo, e aí vemos que todos temos deveres a cumprir, deveres que surgem desta própria compreensão. Não mais saímos pelo mundo reivindicando direitos, mas sim, cumprindo o que devemos cumprir. Neste sentido, podemos dizer que louvar o Dhamma ou o Fundamento Último de todas as coisas, é compreender a Realidade e assumir nossa parcela de

responsabilidade diante de todo o universo. Desta forma, louva-se no Budhismo, através do trabalho, da ação, da contemplação e da compaixão a todos os seres. Algo bem próximo da máxima cristã: “*Ora et Labora*”.